

# A Biblioteca e os estudantes\*

CARMEN PINHEIRO DE CARVALHO\*\*

**O papel da biblioteca escolar no processo educacional. Confronto entre as tarefas específicas da biblioteca escolar e da biblioteca pública. Análise da situação atual da Biblioteca Pública de Minas Gerais «Prof. Luís de Bessa», mostrando sua quase transformação em biblioteca escolar para a comunidade estudantil de Belo Horizonte, em detrimento de outras finalidades igualmente importantes.**

Não é necessário dizer-lhes que poderíamos repetir e subscrever, uma a uma, as palavras da Professora Alaíde Lisboa de Oliveira, cuja autoridade de mestra de elevados e reconhecidos méritos lhe permite discorrer técnica e inteligentemente sobre a importância e significação das bibliotecas na obra da educação.

Em artigo publicado na “Revista do Ensino”, ainda em 1934, sobre as “Bibliotecas”, D. Alaíde já nos dizia: “A escola renovada preconizava as experiências reais como fontes de instrução e de educação, mas não prescindia do livro — o que às vezes se diz — como auxiliar poderoso na obra educativa”. Neste mes-

---

\* Palestra pronunciada durante a Semana Nacional da Biblioteca em março de 1972.

\*\* Diretora da Biblioteca Pública de Minas Gerais «Prof. Luís de Bessa».

mo artigo, precursoramente, oferecia-nos normas para a organização de bibliotecas infantis, escolares, de Escolas Normais e de professores, tecendo ainda considerações sobre a importância do trabalho do bibliotecário como auxiliar decisivo do professor. Falava também da necessidade da criação em nosso Estado de uma Escola de Biblioteconomia, o que somente veio a se concretizar em 1950, graças aos esforços e ao trabalho pioneiro da Professora Etelvina Lima.

Em outro ensaio publicado em 1937, sob o título “A socialização na Escola Normal de Belo Horizonte”, a professora Alaíde Lisboa de Oliveira afirmava: — “desde muito temos olhado com predileção o assunto biblioteca”. Como se vê desses exemplos ilustrativos de sua acuidade e premonição, cabe-nos, muito mais que agradecer o prestígio de sua presença nestas comemorações da Semana Nacional da Biblioteca, agradecer sobretudo o seu interesse, a sua compreensão e o seu estímulo ao nosso trabalho, que reconhece ser fundamental complementação do trabalho dos educadores. Daí dizer-se que a biblioteca está para a escola assim como a escola está para o lar. Função subsidiária e complementar, porém indispensável.

A própria Lei de Diretrizes e Bases da Educação comentada pelo Prof. Amaral Fontoura no item 6 — “avaliação de estabelecimentos de ensino secundário” — já enumerava como condições de estudo:

- a) tipo de estudo dirigido, na extensão e eficácia;
- b) livros existentes na biblioteca, sua organização e efetiva utilização.

E, no item 9 — “atividades extra-classe”,

- a) uso do auditório e sua programação;
- b) clubes e associações estudantis;
- c) outras atividades.

As atividades da “Extensão Cultural” das Bibliotecas são, portanto, uma programação extraordinária, mas não dispensável, se considerarmos que, hoje, não se compreendem mais as bibliotecas como um mero depósito de livros, mas como uma fonte dinâmica de cultura, que deve atender às várias e amplas necessidades de seus frequentadores, sejam eles crianças ou adultos, estudantes ou intelectuais, universitários ou pesquisadores. É este também o conceito de escola renovada, em que não é mais o professor, como na escola antiga, o único instrumento para transmitir conhecimentos — e sim em que o ensino se fundamenta na auto-atividade do aluno, provocado em sua natural curiosidade, motivado por sua experiência pessoal, levado agradavelmente a procurar — e a encontrar — por si mesmo o mundo maravilhoso da cultura. É aí que a biblioteca se integra com a escola, colaborando efetivamente com o professor em seus processos ativos de aprendizagem, formando atitudes positivas, desenvolvendo as habilidades de estudo, pesquisa e consulta.

Não há, pois, que duvidar sejam as bibliotecas parte importante da administração escolar e da pedagogia moderna, porque são seu desdobramento natural, desde a fase inicial de alfabetização e descoberta das letras. Realmente, já explicou o Prof. Anísio Teixeira que “o livro foi a primeira máquina de ensinar” — e uma escola que não consegue incutir e incentivar nos seus alunos o gosto pela leitura não ensinou a ler! Sabemos todos que os hábitos de comportamento diante da vida e da civilização são formados na primeira infância, na primeira fase escolar, tornando-se difícil, ou quase impossível, adquiri-los na fase adulta. Tantos e tais benefícios pode oferecer uma biblioteca escolar, tal a amplitude, hoje, deve ter a sua área de atendimento e de responsabilidade, que o último noticiário

do Instituto Nacional do Livro (nº 17, de janeiro de 1972) nos diz: “A Biblioteca Escolar deve oferecer acesso aos demais alunos do bairro ou da cidade. Para a ajuda que normalmente requer do INL, doravante as Bibliotecas Escolares deverão enviar à Seção de Bibliotecas uma cópia dessa comunicação aos demais colégios da cidade, provando assim a sua qualidade de comunitária”.

É evidente a preocupação de se promover a cultura, sem delimitá-la apenas a um setor — a de alunos e professores — mas até a estender a sua área à comunidade em geral.

Insistir neste ponto vital — a necessidade da criação, manutenção e programação de atividades extra-classe através da Biblioteca Escolar — é uma obrigação de quantos se preocupam com o desenvolvimento das novas gerações e do próprio país. Assim como cabe ao Estado o papel de secundar e favorecer a tarefa educativa dos pais, também cabe à Biblioteca Escolar secundar e favorecer a tarefa educacional dos estabelecimentos de ensino. Mas nenhuma atividade educacional, nenhuma pessoa e nem as nações podem se realizar com base apenas no princípio dos direitos e dos deveres do cidadão. Igualmente importante é a responsabilidade de cada um, pessoas ou entidades, alguns mais responsáveis que outros, em virtude de suas atividades ou de sua liderança pública ou particular, seu papel na comunidade, suas prerrogativas ou do legado que receberam e que devem transmitir.

Aos professores incumbe grande parcela desta responsabilidade, secundados pelo bibliotecário na sua função de facilitar-lhes o trabalho educativo e propiciar aos educandos um clima de verdadeiro e ativo aprendizado — desde que estejam os colégios e a comunidade preparados e providos de boas bibliotecas.

Talvez fosse oportuno destacar aqui alguns aspectos das bibliotecas escolares e das bibliotecas públicas — suas específicas atribuições, suas distinções — como aprendemos em nossa formação de bibliotecário e como vimos evidenciar-se através da vida profissional. no trato cotidiano com o assunto.

A Biblioteca Pública “oferece aos membros da comunidade os meios diretos de se informar, de se aperfeiçoar, de se distrair”, sendo “instituição ativa, dinâmica”, compreendendo ainda atividades culturais e educativas diversas: conferências, debates sobre problemas literários, artísticos ou sociais, seções de teatro e cinema, concertos”, oferecendo aos membros da comunidade um meio de comunicação de idéias e uma forma de utilizar inteligentemente os momentos de lazer”, segundo nos diz André Maurois (“La Bibliothèque Publique et sa mission”). Suas atividades vão desde as bibliotecas infantis, com ação mais ampla, visando atingir, inclusive, aos que ainda não sabem ler, tendo como leitores em potencial todas as crianças da comunidade e esta por inteira. É procurada espontaneamente pelo leitor, pelo pesquisador e pelo estudante, que ali vai SE QUISER ou, repetindo André Maurois, para “utilizar inteligentemente os momentos de lazer” — e só voltará se tiver sido bem atendido e beneficiado por essa visita. Em contraposição à missão da Biblioteca Pública, a tarefa específica da Biblioteca Escolar é de ampliar a área de aprendizagem, proporcionando ao seu frequentador quase que *obrigatório* os meios de *instruir-se mais e melhor* em seu nível de estudos, em sua área determinada — desde o ensino fundamental de 1º e 2º grau ao universitário especializado. O leitor comparece à Biblioteca Pública PORQUE QUER IR, enquanto frequenta *normalmente* a biblioteca escolar PORQUE PRECISA IR.

Esta é a diferença essencial entre ambas, embora às duas caibam, informando, instruindo, socializando, educando, uma responsabilidade *social*. A Biblioteca Pública tem uma responsabilidade mais ampla, sem limitações de nenhuma espécie em seu atendimento, sem preconceitos ou restrições de ordem econômica, social, cultural; trata-se de uma casa de cultura aberta a todos os pontos cardeais, rosa-dos-ventos indicativa de todos os rumos do conhecimento. A Biblioteca Escolar, mais limitada, tem uma finalidade a certo nível mais especificamente didático, embora possa — e deva — crescer de acordo com suas possibilidades.

Infelizmente, o ônus da promoção cultural tem sido entendido ainda como devido unicamente ao poder público, quer como agente exclusivo de uma política cultural, quer como veículo estimulador do interesse privado para com esses problemas. Nossa comunidade ainda não se compenetrou de sua responsabilidade nesse setor, da necessidade de sua participação em tais empreendimentos que, embora a longo prazo, reverteria inevitavelmente em benefício próprio, em benefício do nosso povo. Assim, sobrecarrega-se o Estado, fazendo-o assumir um patriarcado que não se coaduna com as modernas concepções da ciência política, das ciências sociais — *e é mais cômodo responsabilizá-lo pelo que não pode fazer, do que ajudá-lo no que devemos todos fazer.*

É evidente que toda generalização é perigosa; podemos, nós que trabalhamos na Biblioteca Pública Estadual, dar um testemunho da cooperação da comunidade conosco, com o Poder público, como aconteceu e vem acontecendo, por exemplo, no nosso Setor Braille, cujas instalações, mobiliário, 17 gravadores, fitoteca e regletes nos foram oferecidos pelo Lions Clube de Belo Horizonte “Marília de Dirceu”. Só nos coube

solicitar a colaboração de copistas e leitores voluntários, que prontamente atenderam ao nosso chamado pela imprensa. Cinco cursos de Braille, dois de dicção e cerca de 70 voluntários (para dizer dos mais assíduos), entre melhores, senhoras, moças e rapazes, sob a orientação de suas funcionárias, realizam no Setor Braille todo o trabalho de cópia e gravação de livros, textos, apostilhas, trabalhos de pesquisa transcritos para Braille, confecção de mapas, etc. Para não citar números que serão cansativos (embora as estatísticas do Setor Braille sejam comoventes pelo significado de abnegação de nossos colaboradores voluntários e pelo aproveitamento compensador de seus beneficiados), basta-nos informar que, no ano de 1971, foram transcritos 26 livros (num total de 150 v.) 3.546 fls. de apostilhas de diversos assuntos em português, francês e inglês, realizadas 757 horas de gravação, sem contarmos as provas dos diversos colégios e faculdades da capital e do interior que são transcritas para o Braille e, posteriormente, para o alfabeto comum.

Concorrendo ao Vestibular/72 nove dos nossos leitores cegos, cinco conseguiram aprovação, aumentando a cada dia o número de nossos assistidos já cursando o 2º grau, o Curso de Formação e as Universidades. Neste setor especial, a Biblioteca Pública reconhece a sua total responsabilidade, incluindo o atendimento aos alunos do Instituto São Rafael, num total de 362 leitores inscritos, 95% estudantes.

Mas não podemos esquecer que uma Biblioteca Pública Estadual é para o seu Estado o que uma Biblioteca Nacional é para o seu país — responsável pela aquisição, preparação e preservação de um acervo que corresponda ao que de melhor se puder coletar em todos os ramos do conhecimento, constituindo uma característica especial sua a guarda deste patrimônio

como bem público, inatingível, intransferível e inalienável. Não é sem razão que, por Decreto 11.996 de 5/8/69, foi criada a Coleção Mineiriana, com a finalidade de preservar os nossos bens bibliográficos e não bibliográficos, para servir como fonte principal de pesquisas sobre qualquer assunto relativo ao nosso Estado — sua história, sua arte, sua economia, seus nomes mais ilustres, sua literatura, a vida social e costumes de seu povo. E foi inclusive, considerada pelo Governo do Estado, em decreto nº 14.260 de 14 de janeiro de 1972 que criou o Instituto Estadual do Patrimônio Histórico e Artístico de Minas Gerais, como “bem cultural de excepcional valor bibliográfico”.

Não pretende a Biblioteca Pública se gloriar do que tem feito, em vista do muito que há a fazer, mas se ressaltamos aqui estes objetivos já conquistados, é que percebemos que se tem compreendido mal o encargo e a missão que nos cabe, supondo-se deva uma biblioteca pública *suprir necessidades e assumir compromissos que são menos seus do que dos estabelecimentos de ensino*. Temos sentido agudamente, em nosso trabalho cotidiano, pesando sobre a nossa estrutura de biblioteca governamental — sujeita a condições e limitações de pessoal, restrições orçamentárias, de finalidades democráticas e de acervo geral e indiscriminado quanto a tipos de leitores — uma vigorosa pressão de todo o nosso complexo educacional. Se é bem verdade que nossa missão é, em última análise, o desenvolvimento cultural do povo — incluindo os estudantes, evidentemente — *não é menos verdade que não somos, nem podemos ser*, uma biblioteca escolar! Infelizmente, é o que vem ocorrendo, num crescendo que nos preocupa quanto ao desvirtuamento de nossos objetivos essenciais. Tornamo-nos, mercê do desconhecimento de nossas finalidades de ação, o ponto convergente da



juventude estudantil de Belo Horizonte. Podemos atestá-lo através de dados muito próximos o que confirmam esse desvio funcional, tomando como exemplo as estatísticas de frequência entre novembro de 1971 (época das últimas provas escolares) e janeiro de 1972 (época de férias). Verifica-se a total disparidade de utilização da Biblioteca Pública nesses dois meses:

	Novembro/71	Janeiro/72
Seção de Consultas e Referências.....	16.328 leitores	2.365 leitores
Livros consultados .....	25.455	3.039
Seção de Empréstimo Domiciliar.....	26.072 leitores	8.249 leitores
Livros emprestados .....	18.744	4.928
Inscrição de novos leitores.....	852	165

No momento, com um quadro de leitores inscritos no Serviço de Educação Bibliotecária (que corresponde à Seção de Empréstimo Domiciliar, Carro Biblioteca — Setor Braille, Sucursais) e ainda o Serviço de Biblioteca Infanto-Juvenil de 43.118 leitores, podemos afirmar que 85% destes são estudantes. E a frequência ao Salão de Consultas acusa uma faixa estudantil de 98%.

Queremos deixar bem claro que mais faríamos por esses jovens, que nos procuram, repetimos, por omissão ou desconhecimento da comunidade da verdadeira missão da Biblioteca Pública e pressionados também pelas suas obrigações escolares e sem possibilidade de recorrer a outros setores. Bem mais gostaríamos de fazer, se nos fosse possível. Entretanto, as nossas condições de espaço, acervo e pessoal não nos permitem assistir passivamente a este crescendo de atividades meramente estudantis, sem procurarmos junto aos senhores professores um entendimento franco, uma compreensão total de problemas que nos são comuns. Reconhecemos, de nossa parte, que não temos conseguido realizar um atendimento eficiente, a esses 90% de leitores, por injunções absolutamente fora de nosso controle.

Nesta Semana Nacional de Biblioteca, que deve ser uma Semana de encontro, de planos, de revigoração de nossos propósitos, de estabelecimento de objetivos e orientação de trabalho, de confraternização e alegria, nos constringe confessar:

— que a Biblioteca Pública Estadual não tem espaço disponível, embora continuemos a lutar pela necessária ocupação do 3º andar do nosso prédio, de que utilizamos apenas mínima parte;

— que sacrificamos nossa área livre destinada a exposições, lançamentos de livros e outras atividades de Extensão Cultural, no andar térreo, para a instalação de uma sala de estudo para os estudantes que têm seus livros, mas não têm condições ambientais de estudo, em casa ou no colégio;

— nosso mobiliário a cada dia vai se tornando insuficiente para um atendimento diário que já atinge a 1.300 leitores, no salão de Consulta e Referência, em três turnos de funcionamento; (neste número não está computada a frequência à sala de estudos, sempre superlotada, nos três turnos);

— não temos tido o suficiente recurso orçamentário para aquisição e renovação do nosso acervo de caráter geral e, muito menos, para aquisição de todos os livros recentemente editados e exigidos pelos currículos escolares de Belo Horizonte — desde o grau fundamental ao Universitário — incluindo os livros complementares, a cada ano renovados e sempre exigidos em sua última edição pelos estabelecimentos de ensino. É bem verdade — e os senhores hão de compreender — que essa responsabilidade não nos cabe, especificamente.

Com uma verba orçamentária sempre muito aquém das nossas reais necessidades, não poderíamos destiná-la totalmente aos livros didáticos, quando a nossa

missão é bem mais ampla. Apesar das pródigas concessões que temos feito neste campo, reconhecemos que é praticamente impossível atender convenientemente a toda essa faixa de leitores-estudantes. Temos procurado suprir essa deficiência apenas com a boa-vontade, com o interesse e o zelo de nossos funcionários, fazendo eles também um trabalho de pesquisa, de organização de catálogos analíticos de livros, revistas e periódicos, com um atualizado e vasto arquivo de recortes. Não é o bastante, sabemos.

É com tristeza que fazemos esta confissão pública de nossas deficiências e de nossas necessidades, quando nos encontramos na fase de um impulso para a cultura, na Década da Educação, e quando o ano de 1972 é o Ano Internacional do Livro. Quiséramos vir aqui trazer apenas a nossa palavra de otimismo e de confiança, mas temos de nos curvar diante da realidade orçamentária, que tolhe a nossa ação e desestimula os nossos planos presentes e futuros.

Diante dessa situação de fato, estamos aqui também para pedir compreensão e auxílio. Compreensão e auxílio que, temos certeza, nos serão dados, se se tiver o cuidado de verificar que o número insuficiente de funcionários com que conta a Biblioteca Pública, para um funcionamento de três turnos ininterruptos (de 8 às 23 horas), para um movimento excessivo de leitores, dificulta a necessária fiscalização da utilização de nosso acervo. Infelizmente, a juventude, pela irreverência e desatenção para com a coisa pública, vem ocasionando sérios e irreparáveis prejuízos em nosso material bibliográfico. Das coleções de referência (enciclopédias, dicionários, obras básicas de cada assunto) pouco nos resta nas estantes, com as coleções quase todas dilapidadas, livros desaparecidos ou irrecuperáveis, pelo descaso, pressa, rebeldia, desconhe-

cimento do valor do livro, de parte dos estudantes. Sérias preocupações temos tido quanto ao futuro de nosso acervo — e talvez maiores pelo que esse despreço ao livro significa de falta do senso de responsabilidade social dos jovens. A impossibilidade de se conseguir um comportamento de acordo com as exigências de um ambiente de estudos e de pesquisas é outra causa de nosso descontentamento e mesmo desapontamento quanto ao que se entende por educação global.

Permitam-me tecer algumas considerações a respeito, que a prática de atendimento nos tem ditado. Uma delas, sobre a quantidade de estudantes à procura do mesmo livro para um trabalho às vezes em curto prazo de tempo. Acreditamos que compreenderão todos que não nos é possível (pelas razões acima alegadas) adquirir 50 ou mais exemplares de um mesmo livro, seja ele de Machado de Assis, Jorge Amado ou Graciliano Ramos... Assim fazendo, estaríamos prejudicando as exigências de uma aquisição que deve atender equitativamente a vários assuntos e autores, de acordo com o interesse de todas as áreas de nosso atendimento. Aqui, caberia uma sugestão: o professor determinar o autor escolhido, sem precisar uma determinada obra, ficaria então condicionada à preferência e às condições de aquisição de seu empréstimo ou consulta. E aqui outra sugestão que é mais um apelo: não condicionar a valoração de trabalhos ao número e qualidade das ilustrações. Em grande parte elas são nossas, sem receio de incorrer em exagero.

Longe de nós a pretensão de lhes ensinar a ensinar, mas também estamos ensinando quando atendemos aos nossos leitores — estudantes ou não, — quando lhes oferecemos os livros desejados e de que necessitam, sem os ter sequer mencionado, quando lhes prestamos

assistência e orientação e lhes proporcionamos fontes para seus estudos e pesquisas, quando com eles discutimos a idéia central de sua investigação e lhes oferecemos a nossa cooperação através de obras correlatas e complementares. A nossa atividade tem tudo da missão de quem ensina e podem estar certos de que estamos cientes e compenetrados da importância de nosso trabalho junto aos alunos de outros — como mães de filhos alheios — que também por estes se dão totalmente, se dedicam, por eles e com eles se preocupam, se alegram e se realizam.

Devemos repetir que a Biblioteca Pública pertence ao povo, se dirige ao povo, funciona para o povo — e que é a Biblioteca Escolar, primordialmente, a responsável pelo atendimento ao estudante. Certamente que os professores e diretores de estabelecimentos de ensino sabem que, segundo preconizam as leis educacionais — devem equipar com uma biblioteca que atenda às necessidades básicas de seus alunos, na programação do ensino dirigido. A lei é justa e sábia quando exige que a administração escolar se faça completa e exemplar pela manutenção e funcionamento da biblioteca estudantil. Facilitando o trabalho do professor, facilitando o trabalho do aluno (que teria, junto a si, o material necessário ao seu aperfeiçoamento de aprendizado); uma programação feita com o bibliotecário facilitaria a aquisição de um acervo essencial além da necessária disponibilidade de local, horários disponíveis e pessoal especializado do colégio, de acordo com o interesse mais específico de alunos e professores. Às Bibliotecas Públicas acorreriam aqueles estudantes interessados em assuntos de maior profundidade — em quaisquer assuntos — e não, como vem ocorrendo, nessa “corrida de São Silvestre” atrás de uma biografia de José de Alencar ou de um livro de Monteiro Lobato,

todos no mesmo dia e com o mesmo prazo para desincumbir-se de sua tarefa. Assuntos e autores indispensáveis ao acervo de uma Biblioteca escolar, por mais despreziosa que ela possa ser. O que poderia significar para um jovem a descoberta desses autores ou de outros, torna-se um pesadelo, uma preocupação e mesmo uma reversão de finalidades, já que lhes é mais fácil copiar trabalhos já feitos ou retirar de nossas pastas de recortes o que necessitam observarmos ainda que vêm tomando ojeriza por esse tipo de “pesquisa” ou obrigam os pais a fazê-la por eles, pela premência do tempo ou pelo desconhecimento da técnica e do objetivo da tarefa, conforme temos verificado. Sobrecarregados por vários, de várias matérias, o estudante *utiliza* a Biblioteca do modo mais prático para ele: não raras vezes, arrancando as páginas de livros que tratam do tema proposto pelo professor. . .

Antes de terminar e lhes oferecer a oportunidade de um diálogo aberto e franco com as senhoras chefes-de-serviço e de seção da Biblioteca Pública Estadual, cuja vivência desses assuntos poderá ser útil para todos nós — mestres e bibliotecários — gostaríamos de acrescentar outras considerações. Sem voltar ao nosso sintético quadro quanto ao atendimento comum de empréstimo domiciliar e de consulta, que as estatísticas mostram e que a própria vida escolar de cada colégio pode comprovar — sem nos referir de novo ao Setor Braille, permitam-me lembrar a importância de nosso Carro-Biblioteca, que leva o livro aos estudantes de seis bairros da capital (se não ampliamos esse atendimento, é por falta de condições orçamentárias para isso); a importância de nossa Sucursal no Bairro São Cristóvão, local que foi procurado intencionalmente e prodigamente nos foi cedido pelo sr. Vigário da Paróquia, visando não só o atendimento desse

populoso bairro, mas, pela proximidade, também de vários colégios, como anexo do Colégio Estadual, Colégio Municipal, Colégio São Pedro, Faculdade de Filosofia de Belo Horizonte, Grupo Escolar Prado Lopes e ainda os cursos mantidos pela Paróquia; lembrar-lhes, ainda — e agora melancolicamente — que impusemos um sacrifício ao nosso público infantil, pela absorção do público juvenil, que sufocou inexoravelmente a Seção de Biblioteca Infantil quanto a acervo e atividades próprias de crianças para poder atender mais à faixa juvenil ginasial. Com outras atividades de Extensão Cultural (Curso de História da Arte, de Cinema, de Atualização Cultural, Curso Pré-Vestibular de Literatura), temos tido o cuidado de compensar as nossas falhas involuntárias e de manter como é possível os nossos objetivos maiores.

O momento é de confraternização e de diálogo. Este monólogo foi talvez longo e exaustivo, mas — acreditamos — necessário e quem sabe produtivo. Queremos agora ouvir sugestões, queremos trabalhar em conjunto, numa autêntica equipe que se liga estreitamente por laços de afinidade, de objetivos, de aspirações. Muito esperamos todos, de todos — e talvez especialmente daqueles que nos podem verdadeiramente levantar o ânimo e cooperar efetivamente para um futuro de realizações positivas. Se conseguirmos, desta Semana Nacional da Biblioteca, chamar a atenção das autoridades, do Governo, do nosso Secretário de Educação, do “cidadão integral” que tem mostrado ser o nosso Prefeito Municipal, do Secretário da Fazenda, dos Colégios, dos mestres e dos alunos, para o problema complexo da cultura em nosso Estado, todos os nossos esforços serão compensados e mais haveremos de fazer, em unidade de pensamento e de ação, para o bem comum, para o bem do país.

Os livros são nossos mestres, nossos companheiros, nossos amigos, nosso patrimônio, nosso instrumento de trabalho. “Toda a civilização presente e futura, seja ela de que molde for, assenta sobre a palavra escrita”, disse recentemente, um escritor português. E são as bibliotecas, guardiãs da palavra escrita, os indispensáveis auxiliares, ou mais: os verdadeiros soldados postados na linha de frente da batalha pela educação e pelo desenvolvimento cultural de um povo. À Semana Nacional da Biblioteca cabe o trabalho de procurar sensibilizar a todos para o problema do livro, para o problema da atuação de nossas bibliotecas sejam públicas ou escolares, especiais ou especializadas, todos prontos a dar tudo de sua coragem e de sua vontade de trabalho.

**The role of the school library on the educational process. Confrontation between the specific objectives of the school and the public libraries. Analysis of the present situation of the Public library of Minas Gerais «Prof. Luís de Bessa», showing its almost achieved transformation into a school library for the students' community of Belo Horizonte, with the disadvantage of other equally important finalities.**